

---

## Editorial

# Discurso de abertura do III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental

Manoel Tosta Berlinck

---

Em nome da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental dou as boas-vindas a todos os participantes do III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental.

Agradeço a generosa hospitalidade da Universidade Federal Fluminense e, em especial, de sua tradicional Faculdade de Direito.

Estendo, também, um especial agradecimento a todos os que trabalharam com denodo e generosidade para o sucesso deste evento. Eles deram um eloqüente testemunho de solidariedade orgânica. Destaco, aqui, o incansável trabalho da equipe administrativa da Livraria Pulsional, da Editora Escuta e da Associação Universitária, na pessoa da profa. dra. Ana Cecília Magtaz, assistente administrativa desta última, dos membros da Comissão Organizadora e da Comissão Científica, dos professores que compuseram as Comissões Julgadoras do Prêmio Pierre Fédida e do Prêmio de Poster, dos profs. drs. Gisálio Cerqueira Filho e Paulo Roberto Mattos da Silva,

---

eminentes presidentes deste evento e professores desta casa. Estendo, também, um reconhecimento especial ao prof. dr. Fernando Feitoza e ao acadêmico Fernando Calvi.

Uma especial referência precisa ser feita à profa. dra. Ana Maria Rudge, presidente de honra deste Congresso. Esta é uma justa homenagem a uma professora e pesquisadora que se dedica, há anos, ao aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa em psicologia e psicanálise no Brasil. Sua atuação, tanto na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro quanto na Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, é imprescindível para essas instituições. O seu empenho para que este Congresso fosse bem-sucedido é revelador de uma alma grande e generosa. Expresso, assim, minha especial gratidão a essa figura de quem tenho muito orgulho de ser colega e amigo.

O Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental é hoje, graças ao dedicado e persistente trabalho dos membros da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, um marcante evento do campo psi, reunindo universitários e extra-universitários que apresentam e comentam resultados de pesquisas e reflexões sobre o *pathos*.

Nesta edição, o Congresso apresenta 8 conferências, 8 simpósios, 8 cursos, 100 mesas-redondas, 164 trabalhos em temas livres reunidos em 41 mesas, 41 pôsteres e 18 trabalhos inéditos concorrendo ao Prêmio Pierre Férida. Trata-se, portanto, de um evento científico onde 571 trabalhos são apresentados e comentados.

A presença de numeroso contingente de importantes cientistas de países da América Latina, dos Estados Unidos e da Europa dá testemunho do caráter internacional deste Congresso e revela o crescente respeito que a Psicopatologia Fundamental adquiriu no meio universitário e científico.

Essa impressionante produção no campo da psicopatologia contém, portanto, a pujante força de um complexo e contraditório pensamento clínico-teórico levando em consideração a subjetividade.

Num mundo onde a ciência hegemônica é baseada no método experimental e no avanço tecnológico, os que aqui se reúnem atestam a importância do método clínico, da subjetividade e do pensamento que se deriva dessa posição também científica.

A análise, ainda que superficial, dos trabalhos apresentados revela algumas tendências.

Em primeiro lugar, fica evidente a importância da Universidade não só para a formação de cientistas, para a realização de pesquisas clínicas e para a elaboração do discurso e do pensamento em psicopatologia.

A Universidade, por meio de seus diversos programas de extensão comunitária, exerce uma forte influência em hospitais gerais e em serviços de

psicologia aplicada, através de ações inovadoras no tratamento do *pathos* psíquico. Combina-se, dessa forma, o ensino, a pesquisa e a extensão comunitária em psicopatologia fornecendo um evidente aumento da sinergia dessa rede que visa ao bem-estar de uma vasta população.

Além disso, é aparente que um bom número de trabalhos foram produzidos por jovens pesquisadores, estudantes de Pós-Graduação.

Isso tudo, entretanto, não ocorre sem problemas.

O mais evidente e grave é, ainda, a ingerência de componentes ideológicos na pesquisa clínica. O uso abusivo de certos termos revela a ignorância da longa e rica tradição da psicopatologia. É preciso, portanto, aprofundar o estudo da história dos sintomas mentais, pois só assim será possível deixar de lado a suposição ideológica e infundada de que a chamada contemporaneidade é original. Além disso, o estudo sistemático e aprofundado da história dos sintomas mentais pode revelar aquilo que há de verdadeiramente original nos tempos atuais. A presença do eminente historiador da psicopatologia, professor dr. German E. Berrios, da University of Cambridge, Inglaterra, dá testemunho da crescente importância que nossa Associação atribui à história dos sintomas mentais.

Outro problema a ser enfrentado é o do rigor metodológico. O fundamento epistemológico e metodológico da Psicopatologia Fundamental é o método clínico, que também possui uma longa e rica tradição. É necessário, então, tornar mais rigorosas as investigações psicopatológicas e isso só pode ser feito se deixarmos de lado a ânsia de escrever e publicar textos teóricos ou de produzir amplas generalizações econômicas, sociais e políticas sem rigorosa base empírica.

Por último, mas não menos importante, é necessário que as agências de fomento à pesquisa científica adquiram uma atitude menos preconceituosa na análise de projetos baseados no método clínico e que levam em consideração a subjetividade. Não é mais possível, no mundo em que vivemos, considerar a subjetividade como um erro e um obstáculo ao conhecimento científico. Uma leitura um pouco mais atenta das obras dos grandes epistemólogos da ciência revela que o componente subjetivo sempre foi um fator relevante para a produção do conhecimento científico, quer do ponto de vista negativo, quer do ponto de vista positivo. Descartar a subjetividade como um erro não atende, portanto, aos interesses da ciência. É necessário sempre, em cada projeto de pesquisa, se perguntar pelo lugar e função dessa dimensão humana, pois, afinal de contas, é bom não se esquecer que a ciência é um produto humano, portanto fruto da subjetividade.

Sabemos que há na medicina e na psicologia modernas poderosas forças reguladoras do tratamento e da produção de conhecimento científico, que atuam de forma contraditória e problemática. A indústria de medicamentos, as agências de seguro de saúde e as associações profissionais estão unidas com muitos

laboratórios de pesquisa universitária e formam um poderoso painel que determina, em grande parte, nossas crenças e nossa linguagem psicopatológica. Dentre as diversas interferências dessas organizações no conhecimento científico, há um rigoroso combate à subjetividade, como se ela fosse um mal a ser extirpado. Entretanto, em nossas vivências clínicas, no dia-a-dia profissional, quer seja em hospitais, centros de saúde mental, ambulatórios, sem falar de consultórios particulares, a presença da subjetividade no tratamento psíquico é redundante. Temos, pois, que revelar esse componente fundamental de nossa prática, de forma metodologicamente rigorosa, pois só assim teremos argumentos convincentes para a interlocução que almejamos estabelecer com a comunidade de cientistas.

Fica evidente, em segundo lugar, que a Psicopatologia Fundamental depende tanto da saúde mental quanto da educação extra-universitária. Trabalhadores em creches e pré-escolas são relevantes fontes de textos de psicopatologia que levam em consideração a subjetividade e trazem contribuições muitas vezes originais para a compreensão do *pathos* psíquico.

A Reforma Psiquiátrica Brasileira, com sua política baseada em equipes multidisciplinares visando à inclusão dos usuários numa sociedade democrática e cidadã não cria, apenas, um outro lugar para a prática clínica. Promove, também, o aparecimento de novas práticas e pontos de vista que começam a ser relatados em textos que narram vivências e pensamentos. Vai se criando, assim, uma psicopatologia – uma linguagem sobre o *pathos* psíquico – que lança mão de termos do senso comum. Esses termos são, muitas vezes, empregados para nomearem vivências clínicas. Entretanto, eles não fazem parte do discurso oficial de uma certa psicopatologia, que adota conceitos e sistemas classificatórios estranhos ao dia-a-dia da clínica.

Em terceiro lugar, tanto na Universidade, ou seja, no ensino, na pesquisa e na extensão, quanto na saúde mental, a presença da psicanálise é um fator marcante. Há psicanalistas ensinando psicanálise em salas de aula, praticando em hospitais gerais, em serviços de psicologia aplicada, em centros de atenção psicossocial – CAPS, no programa de saúde da família – PSF, enfim, por todo o campo da prática psi. Entretanto, o número de textos gerados a partir da prática em consultório apresentados neste Congresso é muito pequeno.

Como consequência dessas amplas tendências que se revelam nos trabalhos apresentados aqui, as vivências clínicas baseadas na aplicação dos sistemas classificatórios a-teóricos deixam de ter relevância e o que se descobre é uma complexa e contraditória prática clínica pouco rigorosa do ponto de vista científico, mas com evidentes ganhos no tratamento e na compreensão do *pathos* psíquico. Essa complexa e contraditória prática clínica, denominada psicoterapia, requer um urgente trabalho de elaboração metodológica e teórica para avançarmos em direção aos nossos objetivos.

Por último, mas não menos importante, um dos objetivos almejados pela Psicopatologia Fundamental é o de estabelecer uma interlocução inteligente entre ocupantes de posições clínicas, metodológicas, teóricas e epistemológicas diferentes e, muitas vezes, divergentes. Isso nem sempre é possível, pois ainda não desenvolvemos um pensamento claro e preciso de como buscar esse objetivo. Mas, ele vem ocorrendo e deverá ocorrer cada vez mais, na medida em que ficarmos convencidos de que nenhuma posição teórico-metodológica e clínica é capaz de resolver os problemas mentais.

A psicopatologia – discurso sobre o *pathos* psíquico –, que se encontrava num estado terminal há alguns anos, reaparece no cenário científico, de forma surpreendente, graças às iniciativas da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Muito obrigado pela atenção de todos.

**MANOEL TOSTA BERLINCK**

Sociólogo; psicanalista; Ph.D. pela Cornell University; professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (Campinas, SP, Brasil); professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (São Paulo, Brasil), onde dirige o Laboratório de Psicopatologia Fundamental (PUC-SP, São Paulo, Brasil); presidente da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (2002-2004, 2006-2008, 2008-2010; São Paulo, SP, Brasil); editor responsável de *Pulsional Revista de Psicanálise* e da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, diretor da Livraria Pulsional – Centro de Psicanálise e da Editora Escuta. Rua Tupi, 397/103  
01233-001 São Paulo, SP, Brasil  
Telefax: (11) 3825-8573  
e-mail: mtberlin@uol.com.br